

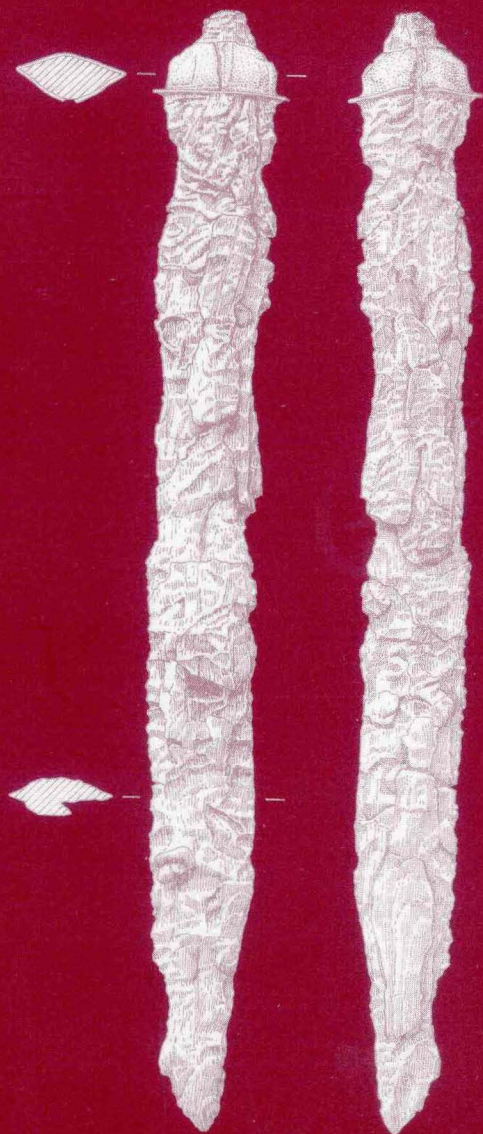
XELB 8

Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve

(Silves, 25 a 27 de Outubro 2007)

2008

Vol. I Comunicações e Conferências



.VI

O núcleo II da necrópole da Idade do Ferro
de Cabeço da Vaca (Alcoutim)¹

João Luís Cardoso*
Alexandra Gradim**

Resumo

A escavação, em 2003, do núcleo I da necrópole da Idade do Ferro do Cabeço da Vaca, justificou a escavação, no ano seguinte, do núcleo II da mesma necrópole, constituído por uma única sepultura, cujo estudo agora se apresenta, a qual dista das anteriores cerca de 250 m para Este.

Os resultados obtidos da escavação, vieram confirmar que se tratava de uma cista da Idade do Ferro, de maiores dimensões que as suas homólogas do núcleo I, as quais corporizam a fase mais antiga da necrópole. Fora já alvo de violação, a qual, porém, não atingiu o nível basal, onde se recolheu um raro punhal de ferro, munido de guarda de prata no encabamento, cuja tipologia indica cronologia anterior ao século V a.C., claramente compatível com a fase mais antiga da necrópole. As características excepcionais desta peça, remetem para um indivíduo destacado no seio da comunidade, merecendo, por isso, a sua sepultura adequada individualização, tanto no tamanho, como, sobretudo, no local seleccionado para a sua construção, isolando-a em uma pequena elevação, dominando visualmente o outro núcleo da necrópole, onde foram inumados os restantes elementos desta pequena comunidade da Idade do Ferro da serra algarvia.

Abstract

The excavation of the *locus* I of the necropolis of the Iron Age of Cabeço da Vaca took place on 2003, and lead to the excavation of the *locus* II of the same necropolis, one single grave distant 250 m to the East, on the following year. We present here the results of this second excavation and the possible relationships establish between the two *loci*.

The results obtained confirmed the existence of a cist from the Iron Age, with larger dimensions than the previously studied, corresponding to the most ancient phase of the *locus* 1. The cist had already been violated but not on the basal level, where a rare iron dagger was found with a silver guard, between the blade and the hilt, whose typology indicates a chronology previous to the middle of the V century BC and clearly compatible with the occupation phase of the *locus* 1 of the same necropolis. The exceptional characteristics of this artefact indicate an individual high in social rank deserving a special grave, either in size and in the location, isolated in a small elevation, visually dominating the other *locus* of the necropolis, where the common elements of this little community from the Iron Age of inland Algarve were buried.

¹ Trabalho redigido pelo primeiro signatário, com base nos trabalhos de campo por ambos efectuados.

* Professor Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

** Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim.

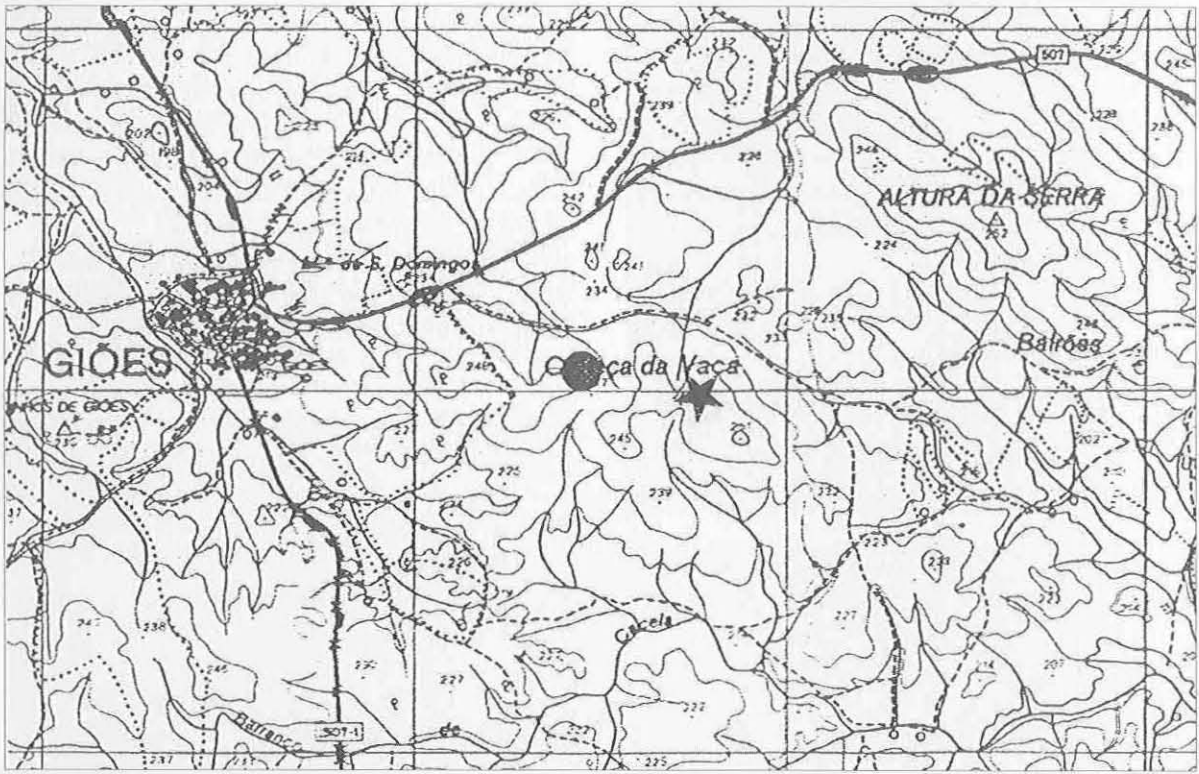


Fig. 1 – Extracto da Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, folha 574 (SCE, 1978), com a localização dos núcleos I (círculo) e II (estrela) da necrópole do Cabeço da Vaca.

1 – Objectivos dos trabalhos. Situação geográfica

O monumento, desde logo identificado como uma grande cista, constituída por longos ortóstatos de grauvaque, foi localizado em 1999, no âmbito do acompanhamento das acções de florestação do concelho de Alcoutim (Gradim, 1999), por se integrar numa área de expansão do referido projecto, tendo então sido definido um espaço de protecção. Contudo, este foi atingido pela remobilização mecânica dos terrenos, que destruiu parte da periferia da estrutura secundária que envolvia a cista. Entretanto, o terreno foi adquirido por outro proprietário, impondo-se a cabal escavação do monumento, para, por esta via e uma vez demonstrada a importância desta ocorrência arqueológica, garantir para a sua conservação e integração em circuito de visita de carácter arqueológico, à semelhança do que já foi concretizado, em outros casos, por iniciativa da

Câmara Municipal de Alcoutim, como os menires do Lavajo, também explorados e musealizados pelos signatários.

Do ponto de vista geomorfológico, o monumento situa-se numa linha de cumeadas de desenvolvimento alongado, de orientação aproximada Este-Oeste, de xistos e grauvaques, a cerca de 250 m para Este do núcleo de Cabeço da Vaca I, já publicado (Cardoso & Gradim, 2006), por sua vez distanciado cerca de 1 km para Este da povoação de Giões, sede da Freguesia do mesmo nome do concelho de Alcoutim (Fig. 1).

As suas coordenadas, lidas na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, folha 574 (SCE, 1978), são as seguintes:

37° 28' 12" latitude Norte; 7° 40' 55" longitude Oeste de Greewich.

Importa sublinhar que a implantação dos dois núcleos sepulcrais, na linha de relevos culminantes da região, a partir dos quais se divisa uma vasta

paisagem, tanto para Norte, como para Sul (Fig. 2), não favorecia, a sua identificação a distância, dado o seu carácter não monumental. Convém também recordar que, no núcleo do Cabeço da Vaca I, se identificaram pequenos fragmentos cerâmicos indiciando uma ocupação anterior, de carácter habitacional, reportável ao Bronze do Sudoeste (Cardoso & Gradim, 2006).

O único monumento que integra o núcleo II da necrópole do Cabeço da Vaca, corresponde a

cista de assinaláveis dimensões, com cerca de 1,50 m de comprimento, constituída por robustos esteios de grauvaque. A sua integração no Calcolítico, à semelhança do que se verificou com a cista do Cerro do Malhão (Alcoutim), também publicada pelos signatários (Cardoso & Gradim, 2003) parecia, de início, a hipótese mais provável. Contudo, a escavação do núcleo I da necrópole do Cabeço da Vaca I, em 2003 e o estabelecimento da sequência arquitectónica verificada na ocupação do espaço

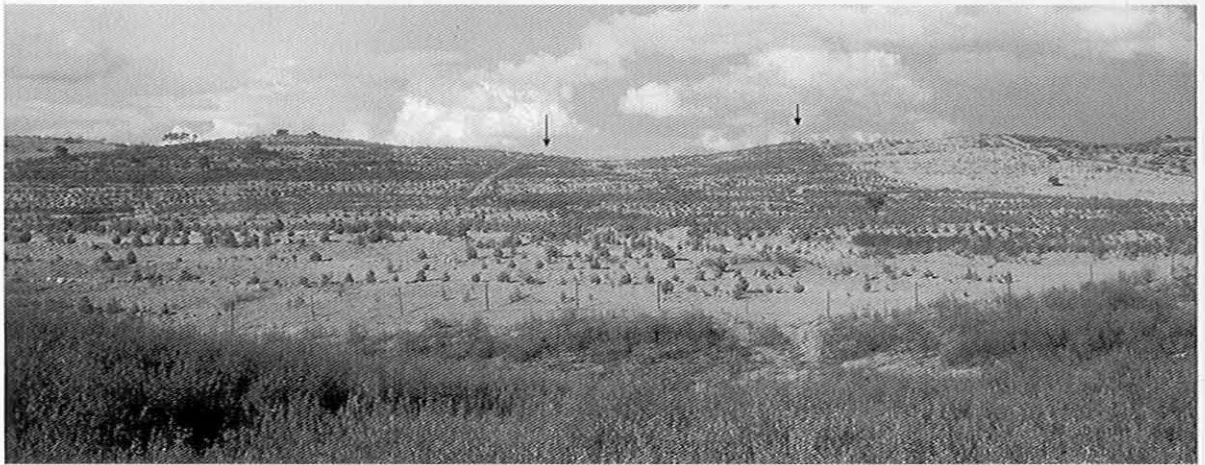


Fig. 2 – Vista tirada de sul, da cumeada onde se implantam os núcleos I (à esquerda) e II (à direita) da necrópole do Cabeço da Vaca (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 3 – Vista parcial do núcleo I da necrópole do Cabeço da Vaca, com as duas sepulturas mais antigas, a sepultura 1 (à direita) e 2 (à esquerda). Trata-se de cistas semelhantes, mas de menores dimensões que a agora estudada (foto J. L. Cardoso).

sepulcral, mostrou que a fase mais antiga correspondia a duas cistas de tipologia construtiva idêntica à que agora se estuda, embora de menores dimensões (Fig. 3), sendo a sua inclusão na Idade do Ferro indicada pela recolha, numa delas, de um pequeno pingente em forma de bago de romã, de cornalina (Fig. 4), com paralelos em exemplares da Idade do Ferro do Baixo Alentejo (Cardoso & Gradim, 2006). Deste modo, seria de admitir a hipótese de a sepultura do núcleo II da necrópole do Cabeço da Vaca ser também desta época, dadas as semelhanças com as sepulturas mais antigas do núcleo I da mesma necrópole. Com efeito, a derradeira sepultura ali identificada, já em posição periférica, corresponde a um simples covacho, de contorno irregular, escavado nos grauaques alterados que constituem localmente o substrato geológico, tendo fornecido duas grandes pontas de lança de ferro, colocadas longitudinalmente lado a lado, no fundo do covacho

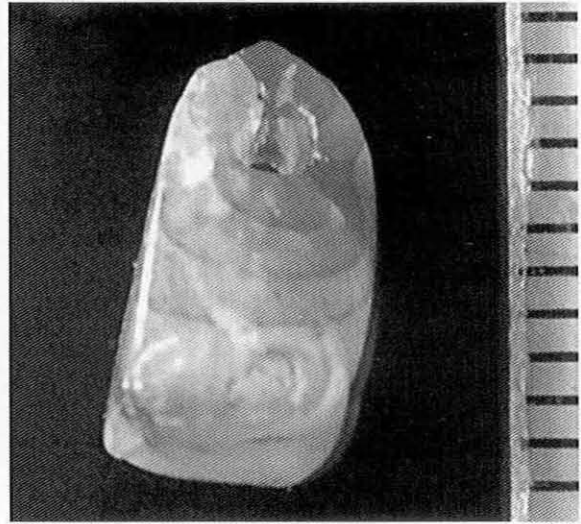


Fig. 4 – Pingente de cornalina, em forma de bago de romã, da Idade do Ferro, oriundo da sepultura 1 do núcleo I da necrópole do Cabeço da Vaca. Escala em mm (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 5 – Vista da sepultura 6, a mais moderna do núcleo I da necrópole do Cabeço da Vaca, correspondente a simples covacho e irregular, aberto no substrato geológico. Em segundo plano, observam-se, sobrepostas, duas grandes pontas de lança de ferro, dispostas longitudinalmente no fundo da sepultura (foto de J. L. Cardoso).

(Fig. 5), cuja cronologia é atribuível aos séculos VI/IV a.C. (Fig. 6). O século V a.C. seria, pois, o limite cronológico mais moderno da utilização da necrópole, que poderia ter sido de, apenas, algumas dezenas de anos. Nestes termos, importava averiguar as potenciais relações deste conjunto com a grande cista isolada do Cabeço da Vaca, o que obrigaria à respectiva escavação.

2 – Trabalhos realizados

Os trabalhos de campo decorreram entre 30 de Agosto e 10 de Setembro de 2004, tendo sido dirigidos pelo primeiro dos signatários (a quem a autorização para a realização dos mesmos foi comunicada, por Ofício de 2 de Julho de 2004), com a colaboração permanente do segundo signatário.

Participaram diariamente os seguintes elementos, entre os quais diversos estudantes da Universidade do Algarve e da Universidade Aberta (Fig. 7):

- Susana Cristina Calado Martins
- Marco António Inácio Santos
- João Miguel Nunes Pereira Brandão
- Daniela Alexandra Monteiro dos Santos
- Vânia Alexandra Machinho Mendonça
- Sofia Isabel Domingos Carrusca

Após a realização dos trabalhos de campo, em que também participou diariamente o Técnico de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcoutim Dr. Fernando Estêvão Dias, foi por este realizado o registo gráfico do monumento posto a descoberto, em colaboração com a segunda signatária.

A metodologia seguida na intervenção, após a limpeza prévia do terreno e depois de implantado o sistema de georreferenciação, foi o da decapagem da área interessada pelo monumento, por forma a colocá-lo integralmente à vista.

A escassa profundidade a que se encontravam os elementos construtivos periféricos da cista, era, aliás, condizente com o facto de todos os esteios desta serem bem visíveis no terreno, antes da escavação, exceptuando a desaparecida laje ou lajes de cobertura, indicando violação anterior do monumento. Observou-se, também, a parcial destruição

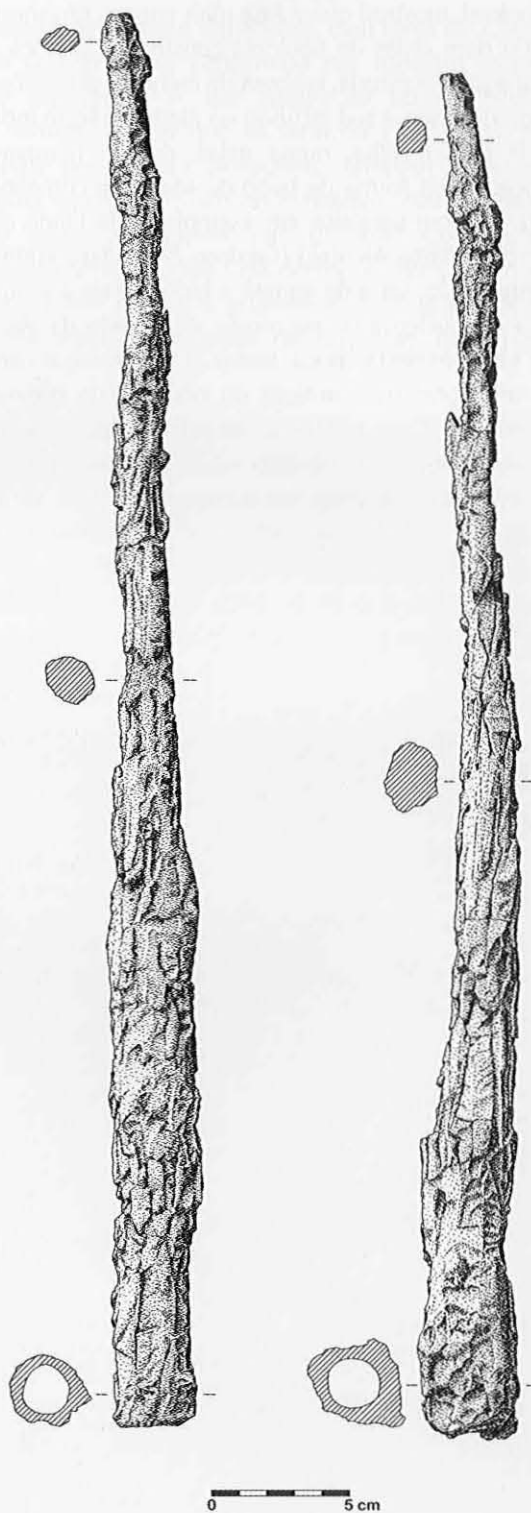


Fig. 6 – As duas pontas de lança, de ferro, recolhidas na sepultura 6 do núcleo I da necrópole do Cabeço da Vaca (seg. Cardoso & Gradim, 2006).



Fig. 7 – Vista da escavação do núcleo II da necrópole do Cabeço da Vaca, correspondente a uma cista de grandes dimensões (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 8 – Vista, tomada de Oeste, da cista do núcleo II da necrópole do Cabeço da Vaca, depois de concluída a escavação. Note-se, em primeiro plano, o rasgo produzido pela maquinaria, no âmbito da preparação do terreno para florestação, destruindo a periferia da estrutura envolvente da cista (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 9 – Vista, tomada de Sudoeste, da cista do núcleo II da necrópole do Cabeço da Vaca, depois de concluída a escavação. Observe-se o grande bloco de grauvaque que prolonga, para sul, o lado oriental da cista (foto de J. L. Cardoso).

da periferia da estrutura envolvente, realizada por meios mecânicos, em época ainda mais recente, no âmbito das acções de florestação realizadas antes dos trabalhos arqueológicos (Fig. 8, 9).

3 – Resultados obtidos

3.1 – Arquitectura funerária

3.1.1 – A cista

A escavação revelou tratar-se de uma cista de planta quadrangular, orientada Norte-Sul (orientação do norte magnético de 2004), em que cada um dos seus lados eram constituídos por esteios de grauvaque, exceptuando o lado poente, formado por dois esteios, um longo, estreito e regular, outro curto e espesso, visível na Fig. 12.

O seu comprimento máximo atinge cerca de 1,50 m, enquanto a largura é cerca de três vezes menor. O fundo da cista corresponde ao substrato geológico, regularizado e, aparentemente, recoberto por fino leito de argila. Os cortes apresentados na Fig. 11 evidenciam que a profundidade máxima da cista, determinada pela diferença entre o esteio mais proeminente e o fundo, não ultrapassaria 0,80 m; na actualidade, o desnível máximo entre o terreno exterior adjacente e o fundo da cista, é muito menor, cerca de 0,40 m. Tal significa que houve erosão do lado externo da caixa tumular, a menos que os topos dos esteios da cista já se encontrassem, primitivamente, destacados no terreno, aspecto que será adiante discutido.

3.1.2 – A estrutura tumular envolvente

A cista encontra-se implantada em pequena elevação bem marcada na microtopografia local, contribuindo, no contexto imediatamente envolvente, para a sua maior visibilidade. Apresenta-se circundada por empedrado cujo contorno original se encontra claramente cortado do lado noroeste, por um rasgo aproximadamente rectilíneo, produzido mecanicamente, no decurso das acções anteriores de florestação, bem evidenciado na Fig. 8 e na planta (Fig. 11). Na parte restante, o empedrado parece não ter sofrido assinaláveis prejuízos, esti-

mando-se em cerca de 5 m o seu diâmetro original. A opção por esta designação será adiante discutida.

Do lado oriental e na direcção Sul, a cista encontra-se prolongada por grande bloco de grauvaque (Fig. 8; Fig. 9), colocado no alinhamento do longo esteio que delimita a cista daquele lado. Desconhece-se qual seria a função de tão notável elemento construtivo, o qual, em qualquer caso, serviria de sólido reforço externo à cista propriamente dita; com efeito, é essa a função atribuída ao conjunto de blocos de grauvaque dispostos em torno da caixa tumular, nalguns casos com tendência radial (Fig. 10), realidade que se encontra bem evidenciada na planta (Fig. 11). Estes blocos correspondem à estrutura envolvente da cista, sendo o espaço entre eles, regularizado e colmatado por elementos angulosos de menores dimensões, também de grauvaque, formando como que um empedrado periférico.

Merece destaque a existência de duas lajes no lado oriental da cista, de contorno sub-rectan-

gular alongado, as quais não ostentam nenhum trabalho de afeição. Pelo seu diminuto peso, não poderiam contribuir para a estabilidade da estrutura tumular. Afastada a possibilidade de corresponderem a duas estelas, pela regularidade com que se encontram colocadas no terreno a níveis distintos, é crível que constituíssem dois degraus (Fig. 10), dispostos paralelamente e a cotas distintas. Assim sendo, estar-se-ia perante uma situação em que a área empedrada envolvente não cobriria a cista, como se verificaria caso fosse um "cairn", mas antes a circundava, a uma cota ligeiramente inferior. Naturalmente, a cobertura da cista seria assegurada por uma ou mais lajes, das quais, porém, não se recolheu nenhum indício.

Nestes termos, o monumento apresenta assinaláveis semelhanças com a cista megalítica do Cerro do Malhão (Alcoutim), de época calcolítica, na qual também se identificou um lajeado que envolvia a caixa tumular, bem destacada, no seu centro (Cardoso & Gradim, 2003). De igual modo, o lajeado



Fig. 10 – Vista, tomada de Noroeste, da cista do núcleo II da necrópole do Cabeço da Vaca, depois de concluída a escavação. Observa-se, em primeiro plano, vários blocos colocados radialmente, para reforçar externamente a estrutura, para além de outros, envolvendo a cista. Do lado esquerdo, jazem dois monólitos, também de grauvaque, sem afeição, atribuíveis a degraus, dada a sua morfologia e disposição no terreno (foto de J. L. Cardoso).

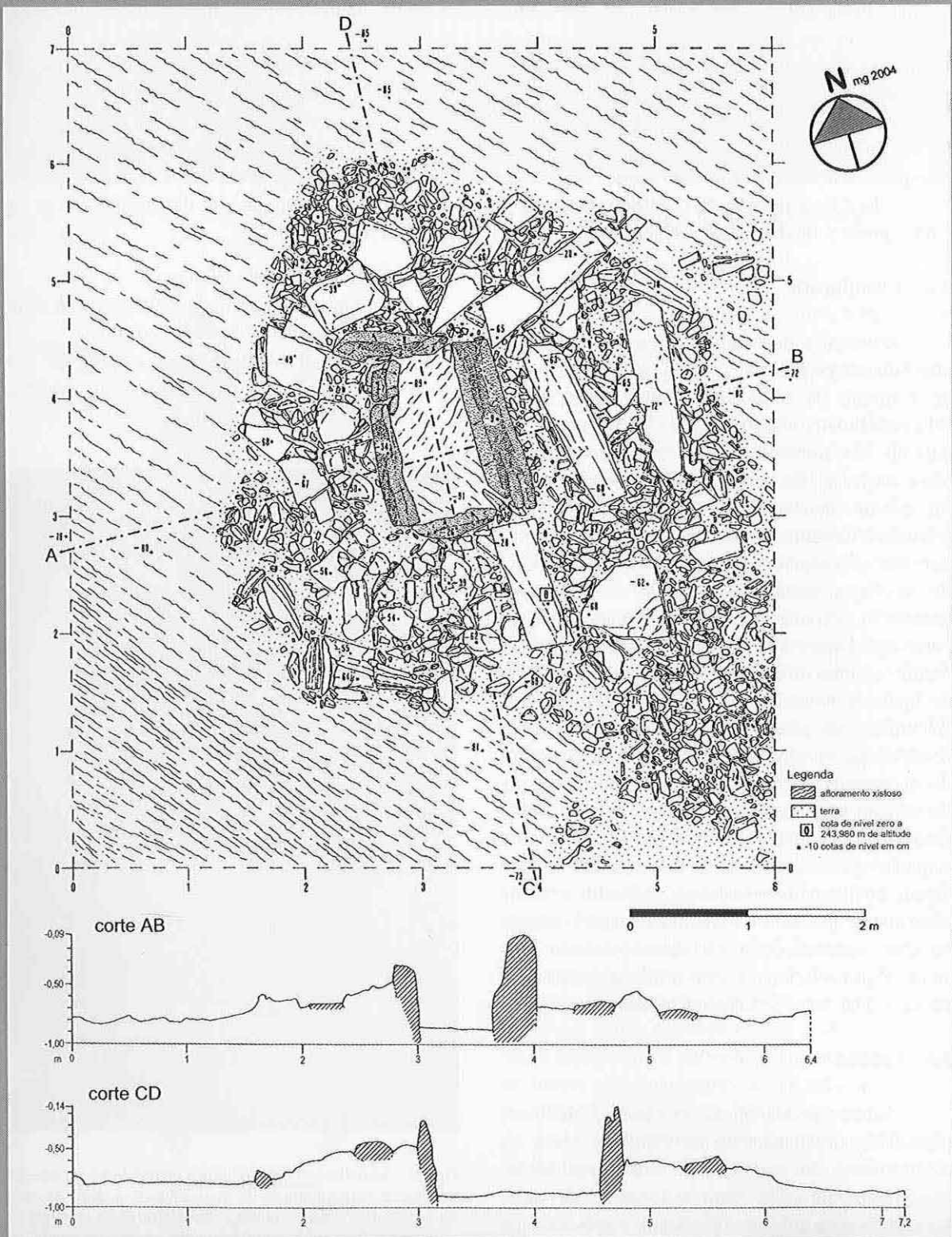


Fig. 11 – Planta e cortes da cista do núcleo II da necrópole do Cabeço da Vaca (levantamento de Fernando Estêvão Dias e Alexandra Gradim; tintagem de Bernardo L. Ferreira).

identificado em torno da sepultura mais antiga da necrópole do Cabeço da Vaca I, encontrava-se delimitado, na sua periferia, por elementos colocados de cutelo, a uma cota inferior ao topo dos esteios da respectiva cista (Cardoso & Gradim, 2006, Fig. 6), indício de que se pretendia, igualmente, assegurar a individualidade do espaço funerário, mantendo a cista posição bem visível no terreno, a cota superior à da delimitação referida.

3.2 – Estratigrafia

Os esteios que constituem a cista assentam directamente no substrato geológico, sem que neste, ao contrário do observado noutros casos, tenha sido previamente aberto qualquer roço, para melhor garantir a respectiva fixação, tal como se pode observar na Fig. 12. Também o empedrado periférico foi assente directamente no substrato geológico, localmente constituído por xistos e grauvaques que, por alteração, deram origem a sedimento argiloso, de coloração castanho-amarelada. Esta realidade observa-se claramente no corte que seccionou parte do empedrado, já atrás aludido (Fig. 8). Assim, a única informação estratigráfica, embora de interesse limitado, corresponde ao enchimento do interior da cista; trata-se de depósito pouco consolidado, constituído por blocos heterométricos de grauvaque, ali acumulados em época recente, na sequência da violação do interior do monumento (Fig. 12). As características do enchimento sugerem que o monumento foi esvaziado e logo depois rapidamente entulhado. Contudo, o saque não chegou ao fundo da sepultura, porque, assente no chão primitivo desta, recolheu-se a única peça arqueológica relacionada com a inumação ali efectuada, a qual será a seguir caracterizada.

3.3 – Espólio

Apenas se identificou um punhal de ferro, disposto longitudinalmente no fundo primitivo da cista, a cerca de um terço do seu comprimento, no sentido Norte-Sul, com a extremidade distal apontando para sul (Fig. 12). Assim, é provável que a sua posição original no corpo do inumado se situasse pouco acima da cintura, na hipótese de o

corpo se apresentar colocado em decúbito dorsal, com a cabeça do lado norte.

Trata-se de uma lâmina aparentemente rectilínea, terminando por uma guarda lisa, de prata, de contorno losânguico (Fig. 13; Fig. 14). Falta-lhe a empunhadura, que aparentemente possuía a forma de um espigão, destinado à fixação do cabo, da qual se conserva o arranque. As dimensões actuais da peça são as seguintes:

Comprimento total – 28,5 cm

Comprimento aproximado da lâmina – 26,5 cm

Largura máxima da lâmina – 3,0 cm

Espessura máxima da lâmina – 1,0 cm

Largura máxima da guarda, de prata – 3,0 cm

Altura máxima da guarda, de prata – 1,3 cm.

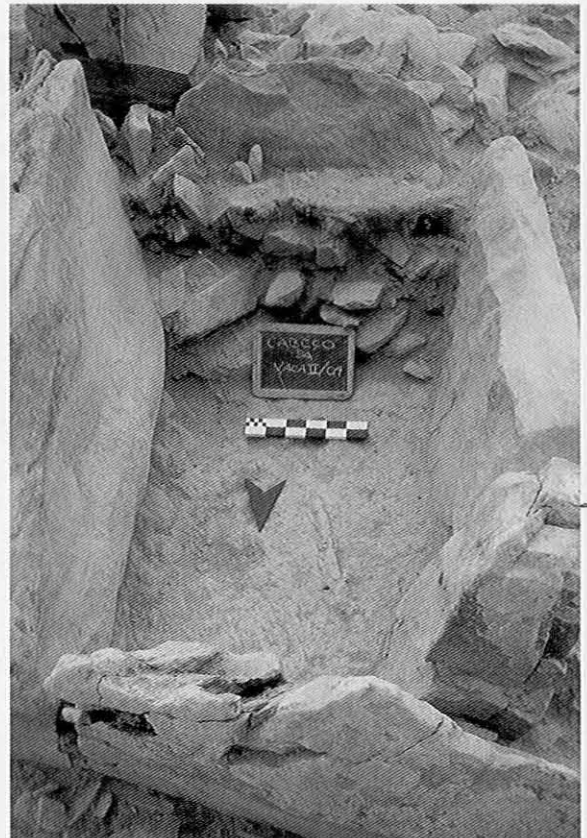


Fig. 12 – Vista do enchimento, pouco consolidado, constituído por blocos heterométricos de grauvaque do interior da cista do núcleo II do Cabeço da Vaca. Assente no chão primitivo da sepultura, e disposto longitudinalmente, observa-se punhal de ferro, que se situaria junto ao peito do inumado (foto de J. L. Cardoso).

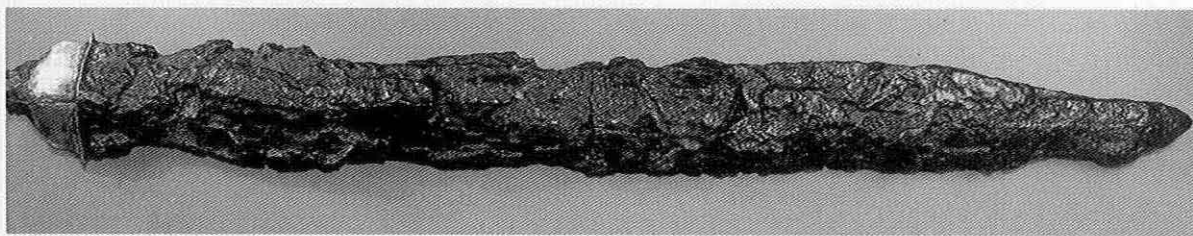


Fig. 13 – Punhal de ferro, com a guarda de prata lisa, faltando-lhe a empunhadura, onde se fixava o cabo. Escala em mm (foto de J. L. Cardoso).

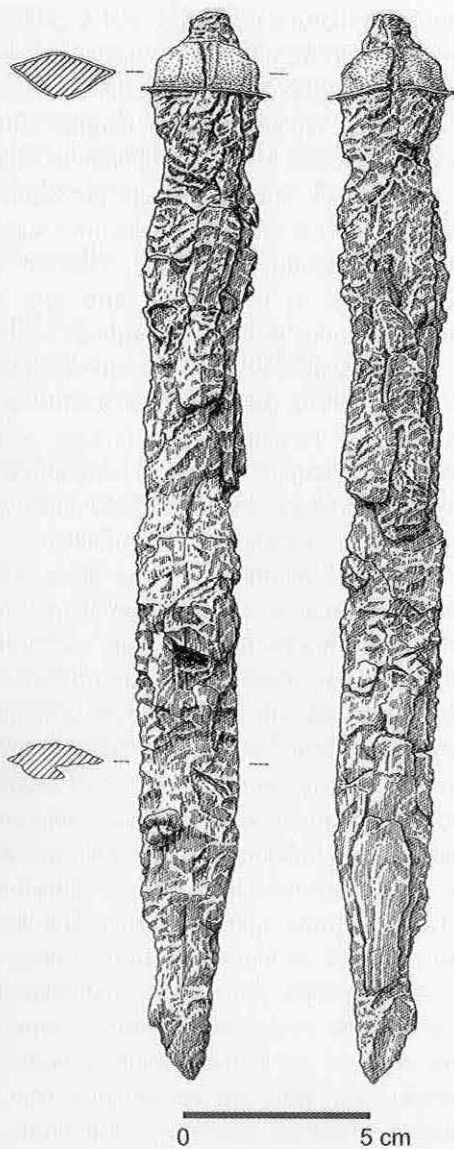


Fig. 14 – Desenho do punhal de ferro, com a guarda de prata lisa (desenho de Bernardo L. Ferreira).

O mau estado de conservação do ferro impede que, não só, se conheçam as verdadeiras dimensões da peça, mas também a sua própria morfologia, conducente a uma classificação mais segura. Com efeito, a opinião do Prof. Fernando Quesada Sanz, da Universidade Autónoma de Madrid, consultado a tal respeito, em Setembro de 2007, foi a seguinte:

Muchas gracias por su carta y su amabilidad. Lamentablemente, no puedo corresponder a su confianza con una respuesta precisa. Tipologicamente el puñal no tiene paralelos cercanos, y sólo puedo hacer unas consideraciones que me temo son bastante imprecisas. El pésimo estado de conservación de la hoja impide además saber si tuvo estrías o acanaladuras, o incluso cual era la sección original. Como también falta el pomo, los dos elementos críticos para clasificar están ausentes en este arma.

En principio, las características del arma permitirían descartar su correspondencia a cualquier momento posterior a mediados del s. V a.C. Desde el 450 a.C. en Iberia los puñales adoptan unas características tipológicas definidas, y este puñal no corresponde a ninguna de las variantes conocidas en lo que a grandes rasgos podríamos considerar 'Segunda Edad del Hierro'.

Precisamente durante el 'Hierro I' en términos genéricos, entre digamos el 700 y el 500 a.C., el rasgo característico del reducido número de armas de hierro que conocemos es su variedad formal, simplicidad de las hojas, filos rectos... y empleo de plata en remaches de cuchillos afalcatados de los siglos VII-VI a.C. Así que una fecha en ese marco cronológico sería posible, pero no puedo proporcionarle un paralelo cercano ni al tamaño ni a la guarda forrada de plata, porque no conozco ninguno.

Lamento no poder ser más útil, pero si llego a conocer alguna pieza similar, se lo haré saber de inmediato.

Embora limitado pelo mau estado de conservação do punhal, a opinião do reputado especialista em armamento antigo peninsular conduz a situar esta rara peça entre o armamento da I Idade do Ferro, conclusão que é compatível com a cronologia da sepultura, situável no século VI a.C.

Esta peça dará entrada no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcoutim, de acordo, aliás, com a indicação expressa aquando do pedido de trabalhos arqueológicos.

3.4 – Rituais funerários

As assinaláveis dimensões da cista, com um comprimento interno de cerca de 1,50 m, permitia a deposição de um corpo em decúbito lateral com braços e pernas flectidos. É provável que fosse essa a posição adoptada na única inumação que a cista terá recebido, hipótese reforçada não só pelos exemplos coevos conhecidos localmente, mas também pelas restantes cistas algarvias da I Idade do Ferro, como as da célebre necrópole de Bensafrim (Cardoso & Gradim, 2006). O maior tamanho da cista em apreço pode, pois, explicar-se, não por ter sido diferente o ritual funerário nela utilizado, mas pela maior importância da personagem no seio da comunidade que utilizaria o núcleo funerário adjacente.

4 – Conclusões

A escavação, em 2004, da única sepultura que representa o núcleo II da necrópole da I Idade do Ferro do Cabeço da Vaca (Alcoutim), a qual, conjuntamente com o núcleo do Cabeço da Vaca I, integra necrópole da Idade do Ferro da serra algarvia, conduziu às seguintes conclusões gerais:

1 – Do ponto de vista arquitectónico, trata-se de uma cista de assinaláveis dimensões, implantada em micro-elevação, fazendo parte integrante da crista de relevos xisto-grauváquicos onde também se situa, cerca de 250 m a Oeste, o núcleo do Cabeço da Vaca I, explorado em 2003. De sublinhar a existência de uma estrutura envolvente da cista, a qual teria funções de

reforço e protecção desta, criando, ao mesmo tempo, um espaço sacralizado ao seu redor. As características desta estrutura secundária são compatíveis com um empedrado, talvez munido de dois degraus de um dos lados, que circundaria a cista, sem a cobrir; não se trataria, pois, de um *tumulus*, mesmo que plano. Esta mesma solução arquitectónica foi reconhecida pelos autores na região, desde o Calcolítico, na cista do Cerro do Malhão, da vizinha freguesia de Martinlongo.

2 – A construção desta sepultura deve ter-se verificado no século VI a.C., sendo, assim, coeva do núcleo mais antigo da necrópole, com cujas sepulturas evidencia estreitas afinidades. Com efeito, este núcleo evidencia nítida evolução arquitectónica, remontando ao século VI a.C., terminando, talvez algumas dezenas de anos depois, já no século V a.C. Esta conclusão é reforçada pelas informações fornecidas pelo estudo do punhal, inserível nas escassas produções da I Idade do Ferro com que pode ser comparado, já que, da segunda metade século V a.C. em diante, se desconhecem exemplares com tais características, de acordo com a informação prestada pelo Prof. Fernando Quesada Sanz. A presença desta arma permite, por outro lado, atribuir a sepultura a um indivíduo adulto, do sexo masculino, certamente o único que ali teria sido tumulado.

3 – A maior monumentalidade desta sepultura, comparativamente às suas homólogas, que integram o outro núcleo da necrópole, distanciado cerca de 250 m para Oeste, bem como o facto de se apresentar isolada, em local de onde se domina visualmente as outras, sugere que pertenceria a indivíduo destacado no seio do grupo, cujos restantes elementos seriam tumulados no espaço adjacente. Esta conclusão é, também, reforçada pela natureza da arma, cuja excepcionalidade é ainda sublinhada pela aplicação de prata, que mais evidência a distinção social conferida ao inumado. Esta não deve, no entanto, ser exagerada, por se estar, naturalmente, perante grupos de pequenas dimensões, dispersos pela serra algarvia, de limitado poder económico. Tal realidade está, aliás, em consonância com os poucos recursos naturais localmente disponíveis, só contrariados pela existência de pequenas explorações mineiras de cobre, disseminadas pela região, e pela proximidade do rio Guadiana, poderoso

motor económico da região que atravessa, graças às possibilidades oferecidas de transporte e circulação de mercadorias e de pessoas, desde, pelo menos, o Calcolítico.

Agradecimentos

À Câmara Municipal de Alcoutim, na pessoa do seu Presidente, Dr. Francisco Amaral, pela concessão dos meios financeiros que possibilitaram a realização, em 2004, dos trabalhos arqueológicos descritos. À Eng. Manuela da Palma Teixeira que, no laboratório de restauro de materiais arqueológicos da Câmara Municipal de Alcoutim se encarregou da recuperação da rara peça de ferro agora publicada. Ao Prof. Fernando Quesada Sanz, pela informação prestada sobre a arma de ferro recolhida.

Bibliografia

CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2003) – A cista megalítica do Cerro do Malhão (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2), p. 167-179.

CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2006) – A necrópole da I Idade do Ferro de Cabeço da Vaca I (Alcoutim). 3º. *Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2005)*. Actas. Vol. I. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 203-226.

GRADIM, A. (1999) – *Relatório das prospecções arqueológicas no âmbito dos projectos florestais (inventário arqueológico) apresentado ao Instituto Português de Arqueologia*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.